

FACES DA ESCRITA DE VALDELICE PINHEIRO, EM TEMPOS DE TRÂNSITOS*.

Maria de Lourdes Netto Simões

RESUMO:

*Focando a escrita de Valdelice Pinheiro, o texto é organizado em dois aspectos: da **produção da fala**, enquanto linguagens múltiplas; da rede de imagens, no processo da construção identitária acrescentadora da cultura local. Os dois pontos evidenciam as formas de **escrita do eu** da intelectual itabunense, e as marcas da sua diferença no espaço do patrimônio cultural Sul-baiano. Conclui, ressaltando a sua fala como diferenciadora da cultura local e, pela diferença, suscitadora de um interesse turístico global.*

PALAVRAS-CHAVE: *diferença, linguagens múltiplas, imagens*

ABSTRACT:

Focusing on Valdelice Pinheiro's writing, the text is organised in two aspects: the speaking, as multiple languages; the net of images. The two focuses show the ways of Valdelice's writing of the self, and the marks of her difference in the cultural patrimony of the south of Bahia's scenary. Then, it wants to highlight her speaking as a local differential, and that stimulates the global touristic interest.

KEY-WORDS: *difference, multiple languages, images.*

* **REVISTA DE LITERATURA COMPARADA**
Escritas do Eu. 2008

INTRODUÇÃO

No âmbito das discussões sobre a escrita literária, o contexto globalizado exige, hoje, a necessidade de intensificar discussões entre literaturas e saberes, também quando se trata de **escritas do eu**. Em relação a essa forma de comunicar, é acrescentada a proposta de pensar, ainda, o texto literário como estratégia de resistência à espetacularização da cultura; como agente provocador de fluxos.

Se o intelectual é a obra, conforme afirma Adriana Pérsico (1998), quero observar o seu papel enquanto mediadora, suscitadora de deslocamentos, de trânsitos entre diferentes esferas culturais, sociais e políticas. Busco refletir sobre a sua relação com o interesse de leitores, intelectuais de espaços outros, principalmente os dos grandes centros urbanos (SIMÔES, 2002). Para esse tipo de mediação, enfatizo a diferença como elemento de produção de valores identitários locais (HALL, 2001).

Com base nessa proposição, tomo como foco a escrita realizada por Valdelice Soares Pinheiro que, por sua singularidade, contribui para a diferença cultural da Região Sul-baiana - rica em expressões literárias e potencializadora de trânsitos turísticos.

Para essas considerações, organizo o texto em dois focos: **da produção da fala**, enquanto linguagens múltiplas; **da rede de imagens**, no processo de construção identitária acrescentadora da cultura local. Com isso, pretendo evidenciar as formas de **escrita do eu** da escritora, e as marcas da sua diferença no espaço do patrimônio cultural Sul-baiano. Concluo, procurando apontar a possível ação da sua obra como agenciadora para um turismo cultural na referida região, através de textos que se destacam e apontam diferença e, por isso mesmo, são provocadores de um interesse turístico global. Quero com isso fazer aquele exercício que Beatriz Sarlo refere quando trata do intelectual: “incorporar a arte à reflexão sobre a cultura” (1997, p. 181).

Como se pode depreender por minhas palavras iniciais, trato a Literatura como bem simbólico cultural, assinaladora de diferença e suscitadora de trânsitos. As **escritas do eu** são aqui representadas por tipo de linguagem poética, filosófica e pictórica.

1. A produção da fala

Começo questionando: Em formas de **escritas do eu**, como ocorre a liberdade autoral na escolha dessa ou daquela expressão, frase, versão? Podemos, nós leitores, precisar a intenção autoral? E quanto a manuscritos literários: qual a intenção autoral se temos duas ou mais versões de um mesmo texto? Por que a reescrita de um mesmo texto? A resposta seria: a busca da perfeição poética, a procura da melhor palavra?

Procurando refletir sobre tal questionamento, reporto-me à concepção de escrita de Valdelice Soares Pinheiro, itabunense, falecida em 1993, que deixou um espólio de manuscritos inéditos, sobre os quais tenho me debruçado.

Valdelice Pinheiro transitou em meios culturais vários, enquanto agricultora, poeta, filósofa e professora (Estética e Ontologia). Realizou a sua escrita através de linguagem múltipla, reveladora de tantos papéis sociais da sua atuação, em temporalidades e espaços diversos, no curso do acontecer da nação grapiúna. Pelas vivências que experienciou e trânsitos de escrita que realizou, é aqui tomada como um exemplo.

Em vida, a poetisa e filósofa chegou a publicar dois livros de poesia (*De Dentro de mim e Pacto*), um filosófico (*Ser e Evolução*), textos auto-reflexivos, inclusive do seu processo artístico (*Retomada*) e muitos rabiscos e desenhos (exposição organizada por Nádia Fialho); além disso, também publicou crônicas, em jornais locais. Entretanto, o substancial da sua produção ficou inédito, um legado que está sendo resgatado[†].

A fala da intelectual Valdelice Pinheiro, enquanto linguagens múltiplas, é produzida, indisciplinadamente, no espaço de textos poéticos (poemas, prosa poética), textos filosóficos, textos auto-reflexivos e desenhos, rabiscos, fotografias.

A própria poetisa fala sobre a sua poesia: “é simples, toda nascida de uma linguagem cotidiana, sem rebuscos. Por isso o povo gosta dela, embora às vezes o sentido de alguns poemas seja até metafísico. Acho que se se entende a palavra, sente-se o conteúdo do poema” (1984, 135). Super realistas, para ela, artistas são aqueles que vêm “a explosão de uma semente e ouvem uma flor se abrir”. “o poeta, como o filósofo, é esse micróbio que conhece as entranhas”. “Só pode haver criação sobre uma existência anterior”, diz ela.

Auto-reflexões sobre o processo criador denunciam a filósofa que existe em Valdelice Pinheiro. O texto “Retomada” (1984, p. 131-135) é um exercício de reflexão sobre o processo criador. Entretanto, sobre esse assunto há, além do publicado, farto material inédito. Em verdade, ela ocupa-se do processo simultaneamente ao seu fazer poético, em retro-reflexão, parece. Esses escritos de auto-interpretação são explicativos do seu fazer poético e podem ser tomados como uma proposta de teoria da poesia. Para a poetisa-filósofa, escrever é libertar-se. Nesse instante, “a voz tira a lógica, o juízo, desregula o comportamento do vocabulário” (1984, 134). Assim nasce o poema: “Se a carambola/ tivesse dedos/ tocaria Mozart,/ certamente”.

[†] Já como resultado da recolha dos manuscritos inéditos, foi publicado o livro *Expressão Poética de Valdelice Pinheiro*, que contou com o apoio do CNPq (SIMÕES, 2002)

No trato dos manuscritos, rapidamente pode ser constatado o processo de reelaboração da poetisa.

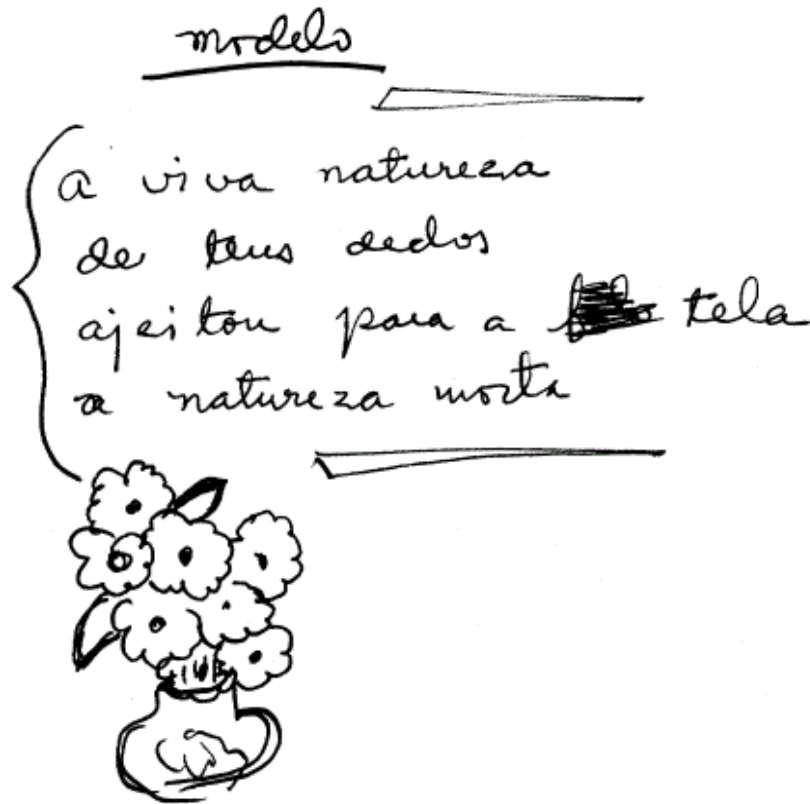


Figura 1: Rabisco e texto poético - Linguagens de Valdelice Pinheiro
Fonte: SIMÕES (2002, p.78).

Tal processo pode ser verificado, ainda, nas versões encontradas de um mesmo texto, fato indicador de vários tempo-espacos enunciativos. Poemas há que chegam a apresentar nove versões.

Simultâneas ao seu fazer poético, os textos de auto-interpretação nascem do silêncio de uma voz interior impulsionadora, como ela afirma, não “a simples voz, um som emitido pela competência do aparelho fonador, mas a Voz, a VOZ [...] silêncio que chega aflito, precisando do grito, tem que inventar o som...” (1984, 136). O processo de surgimento do poema passa pela fase do que chama de “mundo das idéias”, fase essa expressada através de rabiscos, de desenhos.

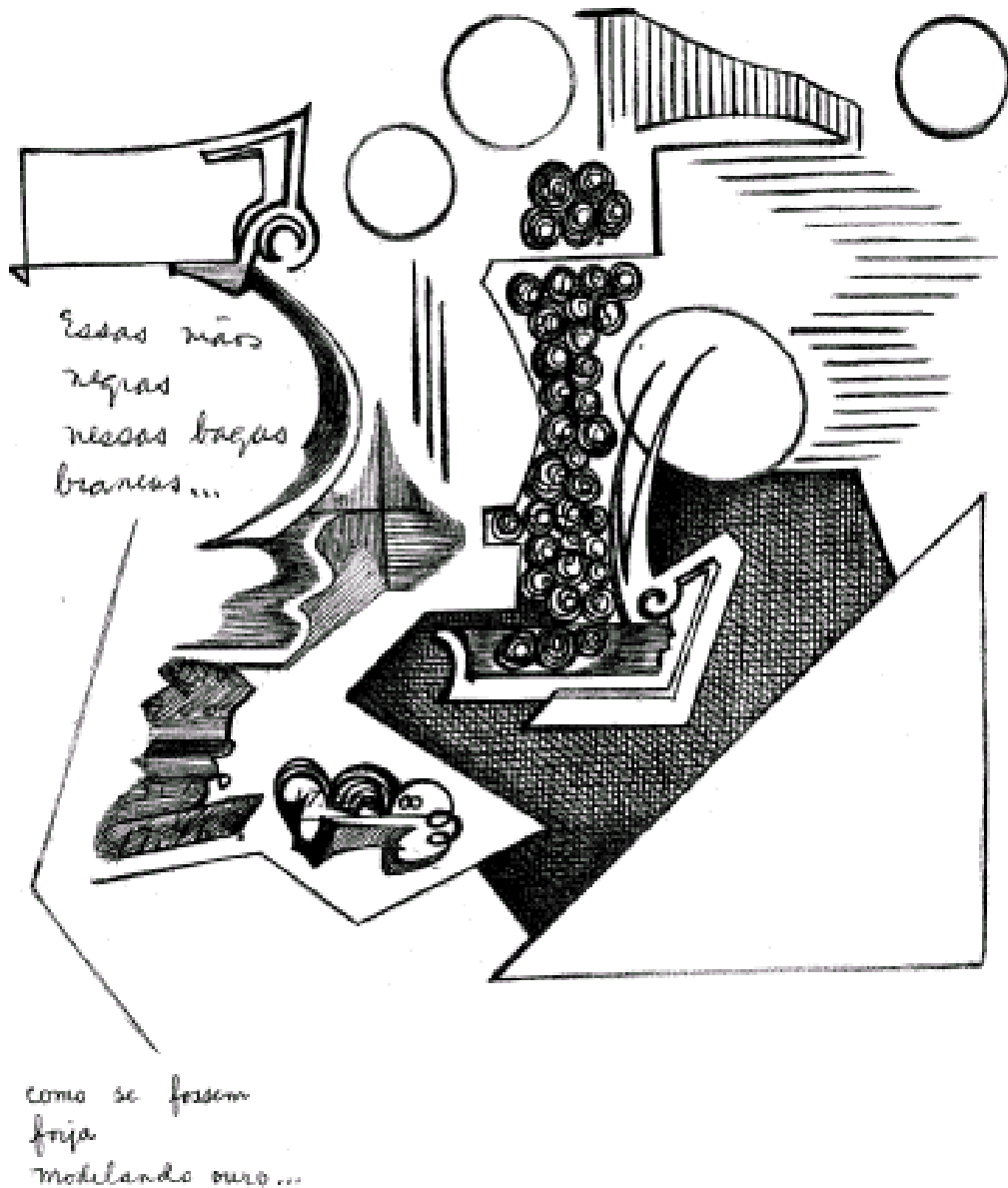


Figura 2: Rabiscos e texto poético - Linguagens de Valdelice Pinheiro
Fonte: SIMÕES (2002, p. 64).

São retas, curvas, espirais que dão surgimento a inesperadas formas e em seguida ao poema. Por vezes, as linguagens são tão imbricadas que, mesmo querendo, é impossível separá-las.



Figura 3: Rabisco e texto poético - Linguagens de Valdelice Pinheiro
Fonte: SIMÕES (2002, p. 116).

Eminentemente filosófica desde o seu processo de enunciação até à concretude da sua formulação, muitas vezes, ao processo de produção, antecede uma reflexão filosófica.

Às múltiplas linguagens são acrescentadas da reelaboração temática, quando um mesmo tema se reescreve em linguagens diversas: filosófica, prosa poética, poesia, desenho. Textos filosóficos são verdadeiras matrizes de poemas ou de prosas poéticas, como é fácil de ser observado nos exemplos que seguem (SIMÕES, 2002, p.36-37):

Texto filosófico:

No começo não era o caos, o nada, mas a Unidade, a Perfeição, a ordem absoluta no Todo, no Em Si (primordial), eterno.
A Perfeição absoluta explode. E a explosão é do espírito, da consciência, para criar-se a si mesma.
Deus, portanto, essa Existência Anterior, não criou do nada, mas CRIA de si mesmo, explodido. Criar é explodir-se no Ser.

Texto poético:

Poema da Criação

Nada existia.
Uno e só,
o Em Si
pulsa, pulsa...
Como um infinito
Óvulo maduro.
O Em Si
não se basta.
E no milagre
de seu próprio
encontro
algo estremece e abala
a Eternidade:
o Em Si fecunda-se.
E por se fecundar,
explode-se.
E cria.
Nasce a Existência,
o átomo que se anima.
E na Existência
o tempo.
E no tempo
o homem.
O Em Si
se expressa.
E a Existência
o cria.

Ou prosa poética:

História da Criação
O Em -Si era um solitário dorminhoco, prisioneiro do infinito, da Eternidade. Chamava-se Ser. " Um dia", em-si-triste, em-si-zangado, em-

si-prenhe e amadurecido em seu próprio ovo e em seu próprio ventre, explode-se, rompe-se, pare. E cria! E em criando-se, cria-se! Revela-se então amor e liberdade. Liberta-se. Liberta-se nas asas do finito, na animação vital do tempo-espaço. E só então chama-se Deus.

2. A rede de imagens

No processo de construção identitária, a rede de imagens é acrescentadora da cultura sul-baiana. As *vivências* de Valdelice (ligada ao campo e às roças de cacau) substanciam-na. O repertório que utiliza denuncia a sua objeção ao mando, às desigualdades sociais próprios do contexto grapiúna, da conquista das terras do cacau, do desbravar das matas, do mando dos coronéis, do poder do mais forte.

Os campos semânticos são povoados por uma repertório denunciador de uma vivência ligada ao simples, ao campo, a uma época, um lugar: “Ah, minha infância tropical, brasileira, comendo jaca e mamão, chupando cajá e tangerina, descobrindo o mel no favo, conhecendo as abelhas!” (in: SIMÕES, 2002, p.48).

Embora os seus escritos sejam, todos eles, perpassados pelo olhar voltado para o existencial, esse foco é nuanceado em blocos temáticos: tratam de liberdade, amor, desigualdade social, inadaptação à vida; falam de natureza e existência metafísica.

A angústia que a sufoca é forma de estar e sentir o mundo. Ela lida com a realidade, com sensibilidade e olhar crítico, próprios de quem redimensiona o vivido através da experiência poética. A referida postura reflexiva da sua obra - sobre o mundo, sobre a vida - não se limita a um olhar do imediato e objetivo, “mas o aí em relação ao aqui, ao cá dentro, sujeito modificador do mundo”, como ela mesma afirma. As suas imagens (em palavras ou desenhos) são trazidas da memória de quem vivenciou o campo, o simples, a terra.

Os vagalumes desta noite
iluminam minha noite
e me emprestam
sua luz e suas asas.
Então, feliz,
a estrada clareada,
eu vou te ver.

A sua fala anuncia e denuncia a riqueza da miscigenação e multiculturalidade regionais, como no poema *Canto Brasileiro* (PINHEIRO, 2000).

Pego-me aos pedaços. Quinhentos anos
estranhos desfiguram minha face negra,
meus dedos índios. Por que estes dedos
gorduchos se eu nunca fui barroca? Por que
esta lágrima de Pietá, se meu
centro é a fecundidade de minha barriga, a
ligeireza de meus pés?

Restauro-me. Meus dedos de pontas

Achatadas voltam ao rústico bambu de
flautas indizíveis e batem, com a graça do
braço engajando o corpo, doces berimbau.

Faço minha dança no momento do golpe –
me defendo - e canto para espantar os maus
espíritos. Se cantar vale por rezar duas
vezes, isto fica por conta do próprio canto.

Restaurando-me, cresço.
Crio detalhes que se liberam de minha mente
e de minhas mãos.
Sou da idade de meus príncipes
negros,
jovem como meus guerreiros
tupiniquins.

CONCLUSÃO

A relevância da literatura sul-baiana tem provocado a sua exploração pelo turismo que, muitas vezes de forma equivocada, coloca a cultura a serviço do *marketing*, comprometendo a identidade regional, corrompendo o bem simbólico, o patrimônio cultural local.

É bem verdade a evidência hoje do mercado como paradigma de múltiplas liberdades. Sobre isso, cabe aqui a pergunta que faz Beatriz Sarlo (1997, p.152), quando fala sobre a cultura na Argentina: “existe outro lugar, além do mercado, onde se possa pensar a instituição de valores?”. E, no mesmo texto (p. 182), Sarlo ainda observa que “a liberdade de fruição dos diferentes níveis culturais como possibilidade aberta a todos (mas não escolhida por todos) depende de duas forças: estados que intervenham equilibrando o mercado, cuja estética denuncia um compromisso com o lucro; e uma crítica cultural que possa livrar-se do duplo isolamento da celebração neopopulista do existente e dos preconceitos elitistas que solapam a possibilidade de articular uma perspectiva democrática”. Sabemos que as possibilidades de legitimação se multiplicam. Concordo que as políticas culturais que orientam as ações de valorização, discussão, apoio à circulação dos bens culturais têm atenção à demanda do mercado, sim. No entanto, penso a ação intelectual, transitando a cultura através da arte. Creio que, assim, é possível admitir a possibilidade de uma ação intelectual contribuidora para o desenvolvimento cultural sustentável. Isso, através de discursos que se articulem, construindo o lugar, provocando outras reflexões, promovendo trânsitos, realizando trocas culturais, promovendo o respeito ao/do outro.

Como ficou visto, a escrita de Valdelice Pinheiro revela a sua forma de comunicar, compondo um processo artístico que ultrapassa a palavra para uma comunicabilidade, também, visual. A sua expressão é um exemplo de que, nesses tempos, as **escritas do eu** não se limitam à palavra, mas são expressas também por outras linguagens; reportam-se a toda uma concepção artística comunicadora, que faz o diferencial de uma produção e seduz o leitor. A singularidade da sua expressão

certamente atrairá leitores curiosos em re-conhecer, por exemplo, o rio Cachoeira, ou a cultura do cacau.

As marcas da Região Sul-baiana, presentes na obra de Valdelice Pinheiro, são referenciais. Porém, mais que ser espaço de referências, ela própria, a sua obra, enquanto cultura, contribui para a diferença que faz a multiplicidade e a riqueza grapiúnas. O discurso que veicula é de resistência, na medida em que não se submete; é emancipatório, por sua capacidade de ação sobre o leitor. São **escritas do eu**, em várias linguagens que conversam entre si e traduzem as suas vozes: poética, filosófica, plástica. Contida nelas, é visualizado o espaço cultural, simbólico.

Se as marcas de uma cidade passam pelo olhar multifocal (CANCLINI, 1977), os bens simbólicos de um espaço, por sua vez, ressaltam o cenário cultural. A divulgação das expressões de escrita, através da sua literatura, sem dúvida dá visibilidade e valoriza o estético. Mas também, parece-me uma forma possível de contribuição para reflexão sobre saberes e fazeres locais, provocadores de trânsitos turísticos. A ação da fala que transita junto aos leitores, intelectuais de alhures - que chegam de espaços outros -, além de evidenciar a nossa diferença, certamente será um dos meios de respeito à cultura local.

REFERÊNCIAS:

- CANCLINI, Nestor Garcia. *Imaginários Urbanos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz T. Da Silva e Guacira Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PÉRSICO, Adriana R. . Intelectuales hoy: ni anfitriones ni turistas. In: Antelo, Raul et alii. *Declínio da Arte/ Ascensão da Cultura*. Florianópolis: ABRALIC/ Letras Contemporâneas, 1998. p. 71 – 78.
- PINHEIRO, Valdelice. *Restauração – um canto brasileiro*. Ilhéus: Editus, 2000. (Poema de Folha Solta, Projeto Inéditos Valdelice Pinheiro. Coord. MLNSimões).
- PINHEIRO, Valdelice. Retomada. *Revista FESPI*. Ilhéus, FESPI, 1984. P. 131-135
- SARLO, Beatriz. . Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UERJ, 1997. *Cenas da Vida Pós-Moderna – intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*
- SIMÕES, M.L. Netto (org). *Expressão Poética de Valdelice Pinheiro*. Ilhéus: Editus, 2002.
- SIMÕES, M L Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.6. Belo Horizonte: Abralic, 2002. p. 177 – 184.